

1861 ZEO EZ
23 DEZ 1987

ANC p 2

Prioridade à Constituinte

Em recente acontecimento social de final de ano em Brasília, o senador Severo Gomes, ao encontrar-se com o deputado Ulysses Guimarães, consultou-o como ele reagiria à idéia da realização no início do próximo ano de uma convenção extraordinária do PMDB, convocada por iniciativa do chamado grupo histórico do partido. Dando bastante ênfase às suas palavras, Ulysses respondeu que não concorda com a convenção ou com qualquer outro fato de natureza política idêntica, que venha a perturbar ou a colocar em plano secundário a Constituinte. No seu entender, contribuem muito para a confusão política que se instalou no País os protelamentos e as indefinições que cercam a Constituinte, sem se saber ao certo quando será encerrada a atual fase de elaboração constitucional. Acha Ulysses que ele e os parlamentares do seu e de outros partidos devem no momento se dedicar com todo o vigor e empenho ao esforço de dotar o Brasil o mais rápido possível de uma nova Constituição, até como meio de resguardar o conceito dos políticos junto à opinião pública nacional. Atribui em boa parte o desprestígio popular que atinge os políticos às indefinições de todo tipo que cercam a Constituinte.

O chamado grupo histórico do PMDB quer a convenção extraordinária para provocar uma definição política final no partido. Pretendem criar um divisor de águas no PMDB, que leve à retirada das fileiras partidárias do bloco conservador ou de direita, hoje abrigado no Centrão. Alegam os históricos que o PMDB não dá mais para funcionar como uma frente política. Os conservadores, com o episódio do Centrão, no qual deixaram de obedecer à liderança formal de Mário Covas, criaram um clima político irrespirável no PMDB. Partem os históricos do raciocínio de que ou a legenda fica com eles ou com os conservadores,

A convivência, segundo alegam, teria se tornado insuportável.

Rompimento com o Governo

No que depender do grupo histórico do PMDB, o partido deve afastar-se do Governo. Mas é pouco provável que isso venha a acontecer de imediato. Numa fase posterior à conclusão da Constituinte é possível que parcela significativa do partido rompa com o Governo, dentro das condicionantes relacionadas com a futura sucessão presidencial. Mas os interesses políticos, pelo menos no momento, do governador Orestes Quércia e dos senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, todos eles do PMDB de São Paulo, não são coincidentes. A não ser que haja uma acomodação política que concilie os objetivos conflitantes desses políticos, o quadro do PMDB paulista encontra-se sujeito a surpresas de todo tipo. Mas ninguém se arrisca a tomar a iniciativa de sair do PMDB, especialmente em São Paulo. O partido naquele Estado é dotado de uma máquina poderosa e, apesar da queda de prestígio sofrida pela legenda junto ao eleitorado, ainda detém muita força.

Deve-se considerar também que não é tarefa fácil organizar um novo partido com capacidade suficiente para disputar e vencer uma eleição majoritária, não só em São Paulo como em todo o Brasil. Covas e Fernando Henrique, por mais que se sintam incomodados, relutarão bastante antes de assumir a decisão definitiva de abandonar o PMDB para entrar na arriscada aventura de filiar-se a um novo partido. Mas eles co-nhecem na carne, por dentro, a competência demonstrada em episódios anteriores pelo governador Quércia no domínio que sabe exercer sobre a máquina partidária, colocando-a a seu serviço. O receio de ambos os senadores é que Quércia crie uma situação que lhes

feche as portas, inviabilizando o futuro político imediato dos dois no PMDB.

Descontração de Sarney

Dois importantes políticos estiveram antecorrem com o presidente Sarney no Planalto, antes de sua viagem ao Maranhão. Trouxeram de lá o depoimento de que o Presidente se encontrava bem-humorado e com excelente disposição de espírito, como alguém, segundo a expressão empregada, que havia retirado um peso dos ombros. Referiam-se à decisão tomada por Sarney de aceitar o pedido de exoneração de Bresser Pereira, ao mesmo tempo que resolvera baixar o pacote de medidas econômicas e fiscais. De acordo com a opinião de um desses políticos, a partir de agora o Presidente deve governar com esquema político próprio. Há os que insistem em que Sarney, precisa ajustar o Governo à sua base parlamentar, como forma de dar tranquilidade política à sua administração.

PFL com Brizola

Em análises da situação política brasileira, procedidas na intimidade, o senador Marco Maciel, presidente do PFL, não exclui a possibilidade do seu partido apoiar a candidatura de Leonel Brizola à Presidência da República. Essa hipótese poderia se configurar, no entender de Maciel, se chegassem num segundo escrutínio da disputa em torno da sucessão presidencial as candidaturas de Orestes Quércia, pelo PMDB, e de Leonel Brizola, pelo PDT. Exemplos concretos são oferecidos: no Rio Grande do Norte, o senador José Agripino, ou em Alagoas o senador Guilherme Palmeira, colocados diante do confronto entre aqueles dois candidatos, não teriam outra alternativa senão a de apoiar o nome do PDT, até por uma questão de sobrevivência política local. O grande adversário do PFL no Estado é o PMDB e não o PDT.